

O ECHO DO RIO,

Jornal Politico e Litterario.

Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.



Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 4000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

O ECHO DO RIO.

A repentina mudança da administração do Estado, quando menos esperada era, fez que não podessemos dar folha sabbado passado: o ministerio se achava demittido, e outro não estava organizado: não temíamos commetter nossa existencia futura; porque podemos esquecer ou deixar de escrever quando muito bem nos agrada, sem dependencia alguma do ministerio, o passado, o presente, ou qualquer outro, que para o futuro venha: se alguma coisa temos, de que nos presemos é coragem e independencia de opinião: mas até o momento, em que deveríamos mandar os artigos para a imprensa, ainda não sabíamos quem eram os novos ministros; e por isso ainda não sabíamos, o que seríamos.

E ainda hoje o não sabemos: quatro ministros estão definitivamente nomeados; apontam-se varios individuos para as pastas vagas: ainda por consequencia não sabemos, qual será a sorte definitiva do ministerio; ainda não sabemos, que côr politica tomará, porque, dos quatro ministros actuaes, apenas um nas camaras, de que foi membro o anno passado, alguma coisa disse sobre politica; mas tão pouco foi, que nos não supponmos em estado de o poder julgar. Os quatro ministros actuaes ainda nos não merecem elogio nem censura; os que vierem poderão merecer uma ou outra cousa.

Lamentamos sinceramente e de coração a demissão do ministerio de janeiro: importantissimos serviços fez; constava de membros muito illustrados e muito influentes nas camaras e no lado politico, a que pertencem, para que supponhamos, que a sua saída do poder seja uma ventura para o paiz. A causa mesmo de sua demissão, nos faz lamentar esse acontecimento; porque a sua saída não foi parlamentar: e não gostamos de vêr preterir assim as regras do systema, que nos rege. Por esse lado pois muito tínhamos que dizer; mas pelo que diz respeito ao gabinete actual, nada podíamos dizer, nem ainda o podemos com segurança: de uma hora para outra o gabinete pôde mudar inteiramente de figura: a entrada de uma influencia qualquer: do Sr. Vasconcellos ou do Sr. Limpo, por exemplo.

E não sabendo sabbado o que seríamos, não quizemos escrever; e hoje só o fazemos por satisfazer a nossos compromissos com nossos assignantes. Porém a respeito do ministerio, ainda não sabemos o que somos; não sabemos se somos da opposição, se ministeriaes: esperamos pelos factos, para poder julgar: antes não.

Não é que não conheçamos desde muito os homens, que compoem o actual gabinete; mas isso não basta para nos decidir. E sobre tudo desejamos esquecer o passado: desejamos entrar em nova epocha. Estamos tão fartos de fulano fez, sicrano-aconteceu! Nunca nos recusaremos a esse combate, se a elle nos chamarem; mas nunca o provocaremos. E' do presente, que cuidamos, sobre tudo com vistas no futuro: esse passado quasi não tem remedio: e então para que remexel-o? Nossos amigos politicos são, os que menos têm a limpar desse pó, que a todos os nossos estadistas tem enxovalhado; por tanto somos aquelle, que com mais sfoutesa podemos fallar. Demais não temos compromettimentos. Todavia desejamos muito e sempre o temos desejado, e quanto é possível observado, que não se trate do passado; não seremos os que o contrario faremos. E por isso nem seremos ministerial nem opposicionista, em quanto novos factos nos não vierem revelar quaes as tendencias do actual gabinete, quaes as suas vistas politicas e administrativas.

Naturalmente somos mais inclinado a elogiar, que a vituperar; facil pois será, que sejamos ministerial. Mas o gabinete actual tem contra si um grande mal: entre elle e o monarcha existe um homem, homem que pôde mais que um gabinete, e do qual por consequencia sempre terá medo o actual, e nunca poderá obrar com o desembaraço preciso. Esse homem é o Sr. Saturnino de Sousa e Oliveira, ou alguém por elle, se é que padrinho teve. O Sr. Saturnino foi causa da dissolução do gabinete de janeiro, e todavia não é ministro! é superior ao ministerio, mas não tem a responsabilidade ministerial! Isto é um grande mal para o ministerio, e bem receíamos, que cedo o tenhamos de combater não tanto por seus actos, como por aquillo, que fizer ou deixar de fazer, por influencia estranha.

Ha um meio de livrar-se o ministerio desta má posição: é chamar o Sr. Saturnino para uma das pastas vagas: então sim: esse Sr. terá a responsabilidade, que aos ministros compete, e o ministerio não descerá de sua dignidade: mas no estado em que estão as cousas o gabinete nunca poderá contrariar as vistas do inspector da alfandega; e não as deixará de contrariar muitas vezes, sem descer de sua dignidade.

Já vê o ministerio, que lhe temos amizade; que lhe lembramos um meio muito airoso de ser verdadeiro ministerio: já vê pois, que não temos vontade de fazer-lhe

oposição. Queira Deus, que nunca os actos ministeriaes a provoquem.

REINTEGRAÇÃO DO DOUTOR AZEVEDO.

O *Nacional* sahio a campo desesperado, porque o governo mandou ao doutor Azevedo, que tomasse outra vez conta do cargo de chefe de policia da provincia do Rio de Janeiro; de que não teve exercicio depois do celebre julgado do jury da côrte, ou melhor de oito jurados do jury da côrte; e como era de esperar, aproveitou a occasião para vomitar cobras e lagartos contra o doutor Azevedo, e contra o ex-ministerio. Podia e devia ir mais longe; devia envolver em sua distribue o concelho de estado, que deu o parecer, e S. M., que o mandou cumprir.

Vejamós a fualdade do *Nacional*. O doutor Azevedo requereu a sua demissão de chefe de policia da provincia do Rio de Janeiro; o ministerio entendeu o caso serio, e remetteu esses papeis ao concelho d'estado, *de que não faz parte, pois que os ministros concelheiros não têm exercicio*; o concelho de estado dá o seu parecer; S. M. aceita o parecer, e o manda executar. O que queria o *Nacional*? deixemos ainda a questão de direito, a que já iremos: o que queria o *Nacional*? queria que o ministerio depois de ter submettido o negocio ao concelho de estado, e este ter dado o seu parecer, fosse de encontro a elle? Mas isso seria grosseria imperdoavel: o concelho de estado não a soffreria a sangue frio. Se o gabinete tinha algum designio formado, escusado lhe era consultar o concelho de estado, ao que ninguem o obrigava; e se consultou o concelho, devia proceder segundo a sua decisão.

E S. M. tinha dado o seu assenso; qual era pois o dever dos ministros? ou fazer executar o parecer, ou demittir-se: não havia meio termo. Depois do assenso de S. M., ou o ministerio se havia de retirar, ou carregar com a responsabilidade, qualquer que ella fosse. O ministerio tomou a responsabilidade, nem por isso lhe foi preciso fazer sacrificio, por quanto o negocio foi decidido conforme as mais rigorosas regras da justiça: mas fosse ou não fosse, o ministerio fez o acto seu, fazendo reduzir o parecer a decreto.

Vejamós agora a questão de direito. O doutor Azevedo não foi condemnado por tribunal algum: o calumniador do doutor Azevedo foi absolvido por oito jurados: quer dizer: os oito jurados entenderam, que o calumniador do doutor Azevedo tinha tido razões bastantes para depressim a honra desse magistrado, e que por consequencia não estava nas circumstancias de ser punido: mas esses oito jurados não decidiram se os factos imputados eram verdadeiros ou não.

O jury não é tribunal competente para julgar o doutor Azevedo; mas quando tivesse de o julgar, outro seria o processo: o doutor Azevedo seria réo, e alguém seria accusador. Porém no que se julgou no jury o doutor Azevedo foi accusador: e outro foi o réo: a sentença pois não foi contra o doutor Azevedo, foi a favor do accusado.

Esta era a questão, de que se devia occupar o contemporaneo; e se bem quizesse, entrasse tambem na questão de conveniencia: porém chamar ladrão, e repetir isto uma e muitas vezes ao doutor Azevedo, chamar ladrão ao ex-ministro da justiça, e a todos os que chama membros da oligarchia, o que prova isso? que o contemporaneo é um miseravel e grosseiro calumniador; que a

causa do contemporaneo é baldia de razões, e por isso elle se vê obrigado a recorrer a esses meios torpes condemnados pela moral, pela politica, e pela opinião publica.

O contemporaneo tem o despejo de dizer, que o ex-ministro da justiça se acharia na necessidade de suspender-se a si proprio, á vista da origem de sua rapida e mysteriosa riqueza! Dize, calumniador, que origem é essa? qual foi o meio illicito, de que lançou mão o ex-ministro da justiça para accumular riqueza? se é que riqueza tem, porque lhe não contámos ainda o dinheiro, nem examinámos o livro de seu activo e passivo. Dize, calumniador, qual foi a sentença, que o ex-ministro da justiça deu, que fosse attribuida a dinheiro? dize, calumniador, qual foi o voto, que nas camaras, de que tem sido membro, deu o ex-ministro da justiça, que fosse attribuido a dinheiro, como foram attribuidos alguns dos seus adversarios? dize, calumniador, sendo presidente de uma provincia, e ministro de estado, qual foi o despacho, que deu que fosse attribuido a dinheiro? calumniador, aponta um só: não inventes agora: tua imaginação é fertil, pouco te custa uma invenção: mas em luta constante tem andado o ex-ministro da justiça; tem tido sempre inimigos, que o não tem poupado: procura entre os teus papeis velhos, e mostra uma só accusação fixa, determinada e positiva. Onde a irás procurar, calumniador? E como então te atreves a tisanar assim a reputação de um homem? não vês, que ninguem te acredita, e que por consequencia perdes o teu tempo e trabalho, se teu fim era indispor a opinião publica contra o ex-ministro da justiça?

O SR. RAMIRO.

Correu por algum tempo, que o Sr. concelheiro Ramiro, deputado pela Bahia, era um dos membros do gabinete: o certo porém é, que o gabinete se formou sem que delle fizesse parte esse Sr. Querendo saber, o que havia nisto de verdadeiro, disseram-nos, não o affiançamos, que o Sr. Ramiro pretende ser desembargador; e que como seria muito desairoso se fosse nomeado sendo ministro, por isso ficou de fóra. Diz-se mais, que esta nomeação deve ser apoiada pelo Sr. Alves Branco, que depois de estar muitos annos fóra da magistratura, foi nomeado desembargador pelo Sr. Ramiro, quando ministro da justiça: o Sr. Ramiro estando ha muitos annos fóra da magistratura, tem direito a exigir do Sr. Alves Branco igual nomeação.

BELLEZAS DO AMIGO PHAROL.

O amigo *Pharol* entrou em discussão com nosco, e para amostra do panno, depois de nos chamar pobre, vendido, ignorante, máo advogado, e não sabemos mais que, chamou-nos *moleque e cachorro*. Não é mentira: o *Pharol* disse ahi alto e bom som, que o redactor do *Echo* é moleque e cachorro! Quaes seriam as vistas do amigo, tratando-nos por semelhante modo? Diz, que nos conhece muito de perto, e nós lhe asseguramos, que nem de perto nem de longe. Pensou, que com isso deanimavamos, e nos recolhiamos aos bastidores? enganou-se muito enganado: pôde chamar-nos quanto quizer: estamos muito acima do *Pharol*, para que os seus latidos nos possam incommodar. Pretenderia, que nos servissemos de estylo igual? Tivemos educação, que isso nos prohibe: nossos leitores não são os que costumam ler

o *Pharol*, para que semelhantes phrases lhes possam agradar.

Mas não: nada disto quiz o *Pharol*: o que quiz esse nosso amigo, foi servir-se do estylo, que Deos lhe deu, mostrar a educação, que de seus pais recebeu, e fazer vêr as companhias, que frequenta, e as pessoas para quem escreve.

Pois pôde continuar, que nos não causa inveja. Pôde mesmo estar certo, que nem ao menos indagamos quem é a pessoa, de quem recebemos tantos obsequios. O redactor do *Pharol* é para nós a pessoa mais indifferente deste mundo: o que alguma vez fazemos é apanhar-lhe as suas bellezas, e fazel-as sobre-sahir: mas são bellezas escriptas e não outras.

E haverá quem lhe falha tão immunda, nojenta e estúpida? Lemol-a nós ás vezes, porque a isso somos obrigado.

THEATRO DE S. PEDRO.

Resurgiram os bellos dias do theatro de S. Pedro: não viverá, ao menos por algum tempo, somente condemnado a ouvir declamar ás vezes mal, e ás vezes bem a companhia nacional: o theatro de S. Pedro tão bello, tão magnifico, tão vasto, vê sobre o seu tablado uma companhia de canto, se não tal qual merceria esta capital, pelo menos muito bastante para deleitar nossos ouvidos. Assistimos á representação da Norma, não a Norma tal qual foi composta por Bellini; mas a Norma, que era possível apresentar com as forças da companhia: devemos confessar a verdade; gostamos, e gostamos muito. E o publico gostou com nosco, e com nosco applaudiu: e o theatro tem estado cheio.

Praza a Deos, que este enthusiasmo não esfrie! praza a Deos, que findas as vinte quatro recitas, por que foi tratada a companhia, possa ser tratada por outras tantas e outras tantas, e mesmo se lhe possam aggregar mais cantores, de modo, que possam ser dadas outras peças! Ouvir e vêr a Loduvina é um prazer: mas ouvir uma aria de Rossini, de Bellini, de Mercadante é prazer bem maior!

AGUA.

Este anno vai correndo bastante secco; e se assim continuarmos, teremos de soffrer muito mais escassez de agua, do que o anno passado. Convém tomar desde já algumas providencias: não é na hora da necessidade, que se deve gritar. Em roda desta cidade ha muitos mananciaes, que podem ser aproveitados. O rio do Cosme Velho talvez com facilidade possa ser introduzido no encanamento da carioca. O encanamento da agua do campo deve ser todo retificado, e conviria fazer uso de canos de chumbo. A parede a cada momento se arromba, e é essa a razão principal, por que só essa agua não chega para toda a cidade. Os canos de chumbo fazem-se, e assentam-se com immensa rapidez, podendo para leito servir-lhes o actual encanamento.

Repetimos: o anno vai muito secco: providencias desde já.

VARIETADES.

O pequeno formato de nossa folha não tem permitido, que com outra cousa nos occupemos, mais que com a politica: poucos artigos temos podido publicar sobre outros objectos, com quanto muito desejássemos dar va-

riedade a este nosso periodico: mas primeiro está o necessario, que o util; e primeiro o util, que o agradável. Cuidamos porém, que hoje podemos satisfazer a todos os nossos desejos com a publicação do pequenino romance, que segue. Duras verdades contém elle, mas são verdades: pedimos a nossos leitores, que as meditem. Os factos são fingidos, mas os principios são verdadeiros.

O BANQUETE DO CEMITERIO.

Henrique I, monarcha francez, atacado por seu irmão Roberto, tinha fugido de sua capital. Paris, mui felizmente não dava então leis ao paiz: era apenas uma das principaes cidades do reino.

Talvez venha tempo, em que as bandeiras sejam especies de molinetes com faces diversas, virando-se ao acaso segundo os ventos, e mudando de côres na tempestade; mas no seculo 11 ainda não era assim: o povo cria de boa fé nas santas leis da verdade, da justiça, e da monarchia. Persuadidos, que uma usurpação, que é uma agitação, não pôde ser ordem, e que um archote de insurreição só serve para alumiar ruinas, as grandes provincias do reino, sobre tudo a Normandia, se armaram contra Roberto: e Henrique, vencedor dos rebeldes, tinha voltado para o trono.

Porém a revolta tem suas magias: teve constantemente a seu serviço a palavra fascinadora — *liberdade* — que aproveitada pelos tyrannos, atravessou sempre os seculos como *mystificador* eterno. Eudes, segundo irmão de Henrique, quiz tambem experimentar as desordens. Um traidor tambem ás vezes tem seu triumpho; e a mais de um velhaco tem cabido corôas.

O rei legitimo não só tinha perdoado a Roberto, chefe dos facciosos, mas tinha esquecido suas culpas; e considerando-o só como membro de sua familia, tinha-se comprazido em enche-lo de favores: tinha augmentado seus dominios. Eudes, vendo o perfido Roberto mais rico e poderoso, que nunca, pensou com razão, que era isto excitamento para crimes. — *Independencia! liberdade!* — gritou elle tambem. E todos os ambiciosos se movem, e todos os insensatos applaudem, e todos os bandidos se sublevam.

E' costume immemorial.

Henrique II, armado dos pés até a cabeça, levanta o estandarte das revoltas. O perjurio lhe custa pouco, o crime nada: organizou um exercito, marchou para a capital. Arengou a muitas provincias; disse-lhes: — *sou um salvador*: — e em quanto as não salva, vai saqueando-as na passagem. Mas segundo dizem doutos doutores, a liberdade vale a pena de que a comprem.

Eudes, tem numerosas cohortes. E' tão glorioso libertar o seu paiz com ferro e fogo na mão, e com o auxilio da desordem e da rapinagam, que sempre bouve entre a canalha, muitos para dar começo á obra, muitos para colher os despojos. Nunca isto se fez sem prodigios. Ora, ao appello do principe revoltado, todos os homens de saeco e corda, illuminados não sei por onde, tinham-se sentido tocados de heroismo. Porfia de enthusiasmo entre elles, era como uma regeneração dos logares inferiores, um milagre sahindo dos abysmos. Os crimes agora eram virtudes; a infancia chamava-se direito; as palavras, os homens, e as cousas se baralhavam com estrondo, por tão vantajoso modo para desorganização geral, que o

câhos era completo. Ora o câhos em politica é o céu da usurpação — *Horror!* — diziam baixinho os enganados — *Sublime!* — gritavam os enganadores.

III.

O chefe das tropas insurgentes, gostava da sucia e das boas moças. Ha sovinas no poder, a quem bastam dinheiro e ouro: este queria mais.

E por isso amastava spezai em suas correrias, com que satisfazer seus gostos de todas as especies. Vinhos preciosos o seguiam: cercava-se de prostitutas. Tinha menestres, e lisonjeiros: incenso dobrado, musica e prosa. Cada dia tinha suas rapinas, cada noite tinha seus pagodes.

Era glorioso como uma revolução, admiravel como um desastre, magestoso como uma degradação.

IV.

Entre as bellas do seu campo, Eudes preferia Bernardina. Tinha-a roubado a seu pai, velho lavrador, falfando-lhe de franquizas publicas. A rapariga seduzida, tinha com effeito pensadão, que o jugo paterno era pesado, que era justo e bello ser livre; e Eudes a tinha encadeado.

Bernardina era uma dessas mulheres melancolicas e superstitiosas, que ligam presagio feliz ou funeato, a todos os objectos, que as ferem. Certas harmonias da noite, certos reflexos da lua, certos jogos da natureza, eram para ella vozes do destino, revelações do futuro: e por isso não tardou em se arrepender de seu enthusiasmo pela rebellião. Mysteriosas advertencias, signaes infalliveis a seus olhos, tinham vindo produzir em seu coração, sustos e remorsos. Confundida com as meretrizes do campo, a bella e docil aldeã, nem tinha mais alegria nem repouso. Com tudo, Eudes era querido por ella: era um principe de formas guerreiras, que era por ella todo amor. Ella procurava occultar suas lagrimas, esforçava-se mesmo por orar; mas degradada para sempre, Bernardina, escrava submissa, bem que desesperada por suas cadêas, receiaria agora libertar-se.

O horrivel jugo tinha seus encantos.

V.

O astro da luz descia para o horizonte; a manhã tinha wido de um calor abafador; as aves não cantavam mais debaixo das folhas; pezaes vapores se amontoavam para o occidente. O pequeno exercito do principe Eudes, sahia nesse momento de um mosteiro de Benedictinos, que inteiramente saqueara. Estrondosa alegria reinava nas fileiras dos filhos da independencia. Chefes e soldados, se felicitavam pelos despejos do dia. Preparava-se a orgia da noite.

“O lá! canalha do demonio! é tarde; façamos alto aqui mesmo.”

Quem desta sorte se exprimia era Hugo, chamado *Mão de bronze*, capitão experimentado, salteador vigoroso e feroz. Sua voz temida habitualmente, não pôde chegar, cousa descostumada, a dominar o tumulto, que o cercava. Os archeiros do principe estavam bebados. Cada qual mandava ao acaso. Não havia mais freio, nem disciplina: mettia compaixão similhante campo.

Eudes, chegou-se á *Mão de bronze*: era o seu guerreiro favorito. Hugo, era desses homens de sangue e crimes, que julgam honra e gloria, só executar afoitamente ordens inexoraveis: era para a usurpação um homem raro e precioso. Os tyranos carecem de monstros.

VI.

O capitão *Mão de bronze* era o grande recrutador do exercito rebelde. Tinha eloquencia selvagem, que encantava as almas ferozes; por isso nas aldeias, cidades e campos, reunia a escoria das populações; e graças a seus esforços constantes, o rei dos filhos do *livre queret*, parecia um chefe de animaes ferozes.

Eudes dirigiu-se a Hugo.

— Que nova companhia é esta de homens d'armas apresentada por ti esta manhã, cujos clamores são tão ferozes? D'onde sahiram estas caras atrozes? São hediondos os bravos camaradas.

— Sim, meu principe! mettem medo: tanto melhor: foi bom achado tal gentinha: larprios, bandidos, comilões, verdadeiros thesouros para a *liberdade!*

— Mas, Hugo, dar-nos-hão honra?

— *Honra!* trata-se bem disso. De que serve querer o que se não pôde conservar? *Honra!* que lucro dá isso?... Nada de miserias, senhor: carecemos oiro, e nada mais.

— Oiro: tens razão capitão: e graças á Deos! nossos cofres estão cheios.

— Acreditaes, tornou Hugo, em tom de amarga zombaria, que verdadeiramente seja *graças a Deos?*

— Preferirias antes, que fosse *graças ao demonio?*

— Qualquer das duas cousas me importa pouco: destruoas tudo, Jesus e Baal: são duas impudentes chimeras.

— Mas o povo ainda as acredita.

— E' verdade: o povo é tão besta! até acredita na vida eterna.

— Como o instruiremos?

— E' preciso esmagal-o.

— E' isso abrir-lhe os olhos?

— De certo: porque é fechal-os. Ora, segundo os frades, senhor, morte é vida, noite é luz.

E a voz do chefe interrompida por gargalhadas selvagens, imitava o grunhido do urso.

O céu tinha-se carregado de nuvens; e a tropa fatigada, em altos gritos pedia descanso. O principe decidiu, que se passaria a noite na aldeia vizinha; e o campo lá se estabeleceu.

VII.

A comida da noite estava prompta. Eudes, convidou para ella como costumava, os principaes de seu exercito. Mas, onde se porá a mesa? O logar só tem choças; nem um local espaçoso: nem uma granja. *Mão de bronze* vê um grande cemiterio, rodeado de alta muralha.

— Soberbo recinto! disse. Sirvam o banquete naquelle logar. Arrancai as pedras das sepulturas, para servir de péa de mesa. Temos taboas e panos. Nosso appetite crescerá nesse terreno de dieta eterna, onde só os vermes maacam á sua vontade. Nossos cantos alegrarão os tumulos. Ride-vos, rapaziada das mortalhas! fóra o jejum! viva o prazer!

O capitão é obedecido: a profanação começa. O cemiterio foi invadido por todos os lados: armam-se nelle grandes barracas; com auxilio das pedras tumulares prepara-se immensa mesa. Os monticulos da morte são cobertos de vasilhas com vinho, copos de metal, caça, fructa, alimentos e provisões de toda a especie. Aqui se fazem assar carnes, ali se ouvem ferver marmitas. Por toda a parte gargalhadas e pragas. Espectaculo confuso e hediondo: é o tumulto das cozinhas e o delirio dos pagodes, insultando no campo do repouso, sobre a cinza dos mortos.

Continúa.